

MARLI DE FATIMA BITTENCOURT

**ENSINO DE FILOSOFIA NO PENSAMENTO KANTIANO COM
ABORDAGEM PARA O ENSAIO “RESPOSTA A PERGUNTA : O
QUE É ESCLARECIMENTO”.**

PONTA GROSSA

2016

MARLI DE FATIMA BITTENCOURT

**ENSINO DE FILOSOFIA NO PENSAMENTO KANTIANO COM ABORDAGEM PARA O
ENSAIO “RESPOSTA A PERGUNTA: “ O QUE É ESCLARECIMENTO’.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em
Ensino de Filosofia, do Setor de Filosofia da UFPR,
como requisito parcial à obtenção do grau de
especialista.

Orientador: Profº Dr. Tiago Falkenbach

PONTA GROSSA

2016

RESUMO: O objetivo deste trabalho é a de analisar o pensamento kantiano com destaque especial em seu referido texto publicado em 1783 com o título “Resposta a pergunta: O que é Esclarecimento”. Para tanto em um primeiro momento refletir sobre o contexto histórico do Iluminismo, em que faz reflexão sobre a metáfora “Luz das Trevas”, levando-o a quem possa sair de tal estado que o autor exemplifica como ignorância e de vários preconceitos. Posteriormente analisaremos o pensamento do filósofo pelo qual pretende mostrar ao ser humano quando se encontra em um estado de menoridade intelectual aliado a condição de pensar e agir livremente. Desse modo, ao abordar elementos fundamentais da filosofia kantiana e o contexto filosófico no qual seu pensamento se desenvolveu possibilitando uma análise em pensar por si mesmo e encontrar meios para a busca do conhecimento. Ao deparáramos com as obras do filósofo estudado podemos observar que Kant viu na educação uma das contribuições para que a humanidade buscasse os melhores caminhos para si e entrar em concordância com o mesmo, isto é “Sapere Aude”- Ousai saber.

Palavras-chave: Filosofia, Esclarecimento, Autonomia, Crítica.

ABSTRACT: The goal of this essay is to analyze Kant's thought with a special attention on his text published in 1783, under the title "Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?". Therefore, at first we shall reflect about the historical context on the age of enlightenment, on which it had been done some reflection on the metaphor "light of the darkness", taking it to whomever is able to leave such condition which the author exemplifies as ignorance and many prejudices. Afterwards, we will analyze the philosophers thought, on which he intends to show to human beings themselves when on a stage of intellectual inferiority, aligned to the condition of freedom to think and act. Thus, approaching fundamental elements of Kant's philosophy and the philosophical context on which his thoughts were developed, enabling an analysis while thinking for yourself and finding means for the search of knowledge. Facing the philosopher's works being studied, we are able to observe that Kant saw in education one of the contributions so that humanity would go after the best paths for themselves and finally agree with it, that is "Sapere Aude"- Dare to know.

Key-words: Philosophy, enlightenment, autonomy, criticism.

Os sonhos de crianças pequenas são frequentemente pura realização de desejos e são, neste caso, muito desinteressantes se comparados com os sonhos dos adultos. Não levantam problemas para serem solucionados, mas, por outro lado, são de inestimável importância para provar que em sua natureza essencial, os sonhos representam realizações de desejos.

Sigmund Freud

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I - BREVE COMENTÁRIO HISTÓRICO SOBRE O ILUMINISMO	12
CAPÍTULO II – A EDUCAÇÃO E O PENSAR FILOSÓFICO NO PENSAMENTO KANTIANO.....	15
2.1. ATIVIDADES PRÁTICAS NO CONTEXTO DO ESCLARECIMENTO.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

INTRODUÇÃO:

Este trabalho se propõe a compreender o pensamento Kantiano, bem como a relação entre o esclarecimento e a possibilidade do ser humano guiar-se por sua própria razão, sem se deixar enganar pelas crenças, tradições e opiniões alheias. Immanuel Kant viu na educação uma das contribuições para que a humanidade buscasse os melhores caminhos para si. Em seu livro “Sobre Pedagogia”, apresenta-se o relato:

A educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas e assim, guie toda humana espécie a seu destino. (KANT, 2006, p.19).

Acreditamos que o pensamento do filósofo Immanuel Kant, com foco para a necessidade da educação, logo usamos a razão, onde o homem pode e deve formar o seu modo de agir consigo mesmo e com os outros. KANT (2006:15) “ ...O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz”. Portanto, acreditamos que a dignidade humana parte da educação do homem e está nas suas próprias mãos.

Neste caso, a presente pesquisa tem como objetivo possibilitar ao aluno que com seu próprio conhecimento desenvolva a capacidade de argumentar filosoficamente, por meio de raciocínio lógico, num pensar coerente e crítico.

É possível através dos textos filosóficos despertarem aos alunos do ensino médio, o interesse pela reflexão filosófica, desenvolvimento e a capacidade de argumentar filosoficamente, por meio de raciocínio lógico, num pensar coerente e o desejo a curiosidade de aprender a pensar, emergir de seu pensamento de outrem, a fim de alcançar um estado de autonomia crítica a partir das ideias Kantianas.

Logo pretendemos analisar as noções do esclarecimento com foco para questões educacionais junto do adolescente e jovem do ensino médio, com a proposta de ensino com a aplicação do pensamento kantiano através de seu periódico com título

“ *Resposta a pergunta* . *O que é Esclarecimento?* em sala de aula. Assim propomos que os alunos façam leitura do texto filosófico do autor Immanuel Kant, em seguida deverão fazer resumo e em duplas apresentar quais tópicos que mais chamaram atenção.

Em seguida deverão responder a um questionário com as seguintes perguntas; No texto de Immanuel Kant, “Resposta a Pergunta: O que é Esclarecimento”? O que significa a menoridade do “ser humano”? Por que segundo Kant, o ser humano prefere viver assim? Com relação aos “tutores” da consciência dos indivíduos, citados por Kant: Quem seriam eles naquela época? Como você que eles controlariam a consciência das pessoas? Quem mais você acrescentaria a essa lista nos tempos atuais? Há pessoas do seu cotidiano que poderiam ser consideradas tutoras da sua consciência? Quem mais você acrescentaria a essa lista nos tempos atuais? Qual e o caminho proposto por Kant para tirar o ser humano dessa condição de menoridade? Comente essa proposta?

Ao percebermos a possibilidade do ensino de filosofia contribuir para o desenvolvimento racional e assim o pensar a relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Desta forma adquirimos noções filosóficas aliadas a certas habilidades intelectuais, teremos condições de oferecer ao estudante condições para ampliar sua compreensão de algumas realidades, amadurecer certas concepções, valores, decisões, bem como emitir juízos bem fundamentados sobre dilemas com que vier se defrontar. Observamos aqui:

A construção das leituras contemporâneas de filosofia como a saída da menoridade, parece só poder apresentar –se no espaço público do debate e da confrontação de leituras e interpretações. A apresentação da filosofia se faz, assim, apresentação dessas próprias dificuldades. Seu desdobramento, por sua vez, é a possibilidade, para falarmos ainda no vocabulário Kantiano de conceber o ensino de filosofia como exercício filosófico, e que se ensine não a filosofia, mas o filosofar. CARVALHO; CORNELLI (2013:70)

Este trabalho será desenvolvido da seguinte forma, realizaremos a análise do texto do filósofo com o título: “*Resposta a pergunta: O que é Esclarecimento*”.

Iniciaremos com um texto de introdução tratando brevemente das questões históricas sobre o Iluminismo, recorrendo sobre o contexto histórico em Kant. Em seguida com o foco principal é o texto kantiano com o título “ A educação e o pensar filosófico no pensamento kantiano”.. Enfim, colocaremos considerações finais trazendo qual é a finalidade deste estudo em questão através de aplicação em sala de aula para jovens e adolescentes do ensino e médio.

A emancipação da razão humana segundo o projeto Kantiano de educação está alicerçada na noção de esclarecimento, que para DALBOSCO (2011:80) ...’ nada mais é a relação entre Aufklärung (esclarecimento)¹ e maioridade, mostrando que , segundo Kant, o ingresso da sociedade humana numa época esclarecida depende da coragem de pensar por conta própria e alcançar um estado de crítica.

Essa educação do homem é que pode levar a humanidade a um estágio de esclarecimento, o que segundo DALBOSCO (2011:90) “... o conceito de mundo, por sua vez, refere-se à reflexão sobre o presente em que vivemos e sobre quem somos enquanto parte desta atualidade”.

A reflexão sobre a posição do homem na história, Kant formula um conceito especificamente para com questões de sua época com o referido ensaio “O que é Esclarecimento”. Em cuja afirmação encontra-se no primeiro parágrafo do qual cita:

O esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade da qual ele é o próprio culpado. A minoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a orientação de outrem. Tal menoridade é por culpa própria se a causa não reside na falta de entendimento, mas na falta de decisão e de coragem em se servir de si mesmo sem a orientação de outrem. Sapere Aude! Tem a coragem

¹ A tradução de Aufklärung por esclarecimento porque o sentido filosófico que Kant lhe atribui diz respeito não a um momento histórico determinado, o qual corresponderia ao Iluminismo ou Época das Luzes, mas sim a um processo. Inclusive pedagógico, de saída de uma condição para outra. Neste sentido, esclarecimento traduz melhor a ideia Kantiana de saída do indivíduo de sua condição de menoridade à maioridade.

de te servires do teu próprio entendimento! Eis a palavra de ordem do esclarecimento (KANT, p.)

Pode – se perceber que para o homem sair da menoridade, não seria que ele tivesse ganhado a maioria cronológica, mas partir da compreensão estaria sendo capaz de servir-se de seu próprio entendimento, ou em outros termos a conquista de autonomia intelectual.

Sendo assim ao servirmos de nosso próprio entendimento usando-o de forma racional estaremos também interligando aos outros em nossa volta é o que trata FOCAULT (2009:41-56) “... ao pensar sobre o mundo que vive, pensando sobre os outros, o filósofo é levado a pensar sobre si mesmo, concebendo-se sobre parte de um nós outros, que vive numa atualidade, isto é num determinado tempo histórico”.

Immanuel Kant (1724 – 1804) é um dos filósofos mais lidos e discutidos nos dias de hoje. Suas contribuições abrangem todos os campos do saber, estendendo-se da epistemologia à moral, passando pelo pensamento jurídico – político, estético e antropológico. Dedicou-se praticamente a todos os assuntos de sua época – uma época que ele mesmo definiu como a do Esclarecimento-. Daí por que tomar conhecimento da filosofia Kantiana e de sua articulação com o seu tempo constitua uma oportunidade para seguirmos de perto a formação de concepções que orientam nosso próprio modo de compreender a realidade e agir sobre ela. Em suma, estudar Kant é uma maneira de compreender melhor as ideias e princípios que nos fazem pensar como pensamos.

Assim tomando como base que o princípio fundamental da pedagogia Kantiana está relacionado ao esclarecimento, são pelas luzes da razão a possibilidade do indivíduo abandonar a ignorância e permitir sua ascensão a um nível superior de cultura, educação e formação.

Segundo a história, o fenômeno Esclarecimento é apresentado como um sistema de valores que deu origem ao mundo contemporâneo, estando nas bases das transformações políticas, econômicas a partir do século XVII que são apresentadas a vários intelectuais denominados Iluministas.

Na história do conhecimento humano, foi frequente o uso da luz em sentido figurado, como referencia àquilo que esclarece o espírito, seja a luz da fé ou a luz da

razão. Na filosofia moderna, a metáfora da luz foi associada à sabedoria, em oposição às sombras ou escuridão, associadas à ignorância, à superstição, aos preconceitos.

No Iluminismo ou época das Luzes (séc. XVIII), como o próprio nome indica, a metáfora da luz foi largamente empregada para designar a razão, concebida como uma força intelectual capaz de iluminar os caminhos que conduzem o homem à verdade e ao progresso.

Na perspectiva Iluminista, esses objetivos poderiam ser alcançados por intermédio de um exercício autônomo da razão, o que implicava fazer a crítica da tradição, da autoridade, dos preconceitos, tudo deveria ser submetido à crítica da razão.

Embora em nossa sociedade a educação muitas vezes camuflada a interesses próprios, acredita-se que uma sociedade alcança transformações somente através da educação. É o que o próprio filósofo estudado acreditava, e o que pretendemos com este estudo levar até os alunos do ensino médio que só através de nossa reflexão e autocrítica seremos capazes de servir-se de seu próprio entendimento, ou em outros termos a conquista de autonomia intelectual.

CAPÍTULO I

BREVE CONTEXTO HISTÓRICO O ILUMINISMO

O pensamento da filosofia kantiana recebeu influências de um período conhecido como *“Iluminismo”*, a partir do século XVIII. As principais características seriam a importância para os estudos dos fenômenos conforme a natureza e de ordens sociais, logo os filósofos, inseridos neste contexto buscavam uma explicação racional para tudo.

Entretanto estes filósofos, escritores e economistas preocupava-se com problemas políticos e religiosos que neste período acontecia. Deste modo muitos adeptos aliaram –se e dedicavam –se a complexas discussões e buscavam novos sentidos à humanidade em suas relações sociais.

[...] Por isto os filósofos que as divulgaram eram chamados iluministas; sua maneira de pensar Iluminismo, e o movimento, Ilustração. As noções modernas de igualdade, democracia e liberdade apresentam-se como invenções dos filósofos iluministas. O movimento cultural filosófico desenvolveu-se no decorrer do século XVIII conhecido como Século das Luzes. (ARRUDA,1997,p.181)

Em contraposição às trevas da ignorância, entretanto, que letrados europeus utilizavam metáforas que remetiam à luz da sabedoria capaz iluminar os caminhos que conduzem o homem a verdade e ao progresso .ELIAS (2014:16) [...]Entre o século XV e XVI, sobretudo á “Época da Idade das trevas”. Luz, luzes, ideias luminosas, esclarecimento, eram metáforas que os philosophes (como se autodenominavam), utilizavam para caracterizar seu programa – que incorporava, mais que ideias fixas, uma nova atitude em relação ao conhecimento por razão científica.

Para compreender as perspectivas Iluministas, faz necessário que os objetivos possam ser alcançados por intermédio de um exercício autônomo da razão, o que implicava fazer a crítica da tradição, da autoridade, dos preconceitos, tudo deveria ser submetido à crítica da razão.

Muitos príncipes da época puseram em prática as novas ideias sem abandonar o poder absoluto procuraram governar conforme a razão os interesses do povo. Esta

aliança de príncipes filosóficos deu origem ao governo típico do século XVIII, o despotismo esclarecido. Um dos seus representantes foi Frederico II da Prússia; discípulo de Voltaire, ele é indiferente a religião, deu liberdade de culto ao povo prussiano, o rei exigia obediência, mas dava total liberdade de expressão aos seus súditos.

A filosofia do século XVIII rompe as barreiras do preconceito, da ignorância e avança. É a mesma impressão que o filósofo Immanuel Kant nos lança sob o lema ou palavra de ordem “*Sapere aude*” que significa “*Ousai saber*” e para isso propõe uma nova razão e remover todas as tutelas, e assim uma nova crítica.

Immanuel Kant está inserido no contexto do *Iluminismo*², ao anunciar o famoso escrito de 1784 conhecido como “*Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento (Aufklärung)*”? . Nesse texto Kant, aponta como papel fundamental do esclarecimento do homem é a saída da menoridade intelectual para que assim possa entrar na maioridade compreendida enquanto coragem de pensar por conta própria - sabendo-se capaz de procurar soluções para seus problemas com base em princípios racionais.

O filósofo ao estabelecer a explicação entre duas condições de menoridade e maioridade, ele defende o uso público da razão como característica central em que o indivíduo utiliza de seu próprio entendimento e deste modo atingindo a superação do estado de menoridade. Portanto é baseado no uso público da razão e recusando as explicações tradicionais que acontece a elevação do esclarecimento.

Nesse sentido esclarecer –se é aquele que superando aquela condição frágil, preguiçosa e covarde, já decidiu pensar por si mesmo e, com base em tal decisão, busca orientar –se por opiniões próprias, baseando – se em pensamentos cuidadosamente examinados e bem intencionados, posiciona-se sobre os assuntos de seus interesses. Porém a conquista da autonomia é a transformação que usamos em nossas vidas atuais, quando isso acontece percebemos as claras que podemos reunir condições para o sentido das formas das quais existimos no dia a dia, que definem

² Além de Kant, vários outros intelectuais alemães da época, como Mendelssohn e Herder, tomaram parte do debate. Os textos desses e de outros autores encontram – se reunidos numa coletânea organizada por Bahr (2002).

relações políticas e econômicas de poder que afetam nossas vidas. Ele pode e deve ser ajudado (motivado), mas ninguém poderá decidir por ele.

Enfim o esclarecimento é a transformação do modo de pensar, o homem apto à razão e a liberdade deve ele mesmo empreender para o caminho do conhecimento o que para o filósofo é Sapere Aude! Ousai saber!

CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO E O PENSAR FILOSÓFICO NO PENSAMENTO KANTIANO

Immanuel Kant (1724 - 1804) não só foi um grande filósofo, mas também professor preocupando-se com a formação humana especialmente de sua época, nesse contexto:

...ao se debruçar sobre um problema de sua época, a questão do esclarecimento, Kant formula um conceito de filosofia como reflexão sobre os problemas urgentes de seu tempo. Escrito no mesmo ano que a *Ideia de uma história Cosmopolita* (1784), o ensaio “Resposta a pergunta . O que é Esclarecimento?” marca o ingresso de Kant no debate sobre questão se a Alemanha e a Europa viviam em uma época esclarecida. Convidado pela revista *Berlinische Monatsschrift*(Mensário berlinense) o filósofo posiciona –se sobre a questão. DALBOSCO (2011:89)

Deste modo Kant inicia o ensaio com as definições de esclarecimento retratando os problemas emergências temporais nas questões principais que o individuo consiga com suas próprias forças e chegar até a sua autonomia. O ponto decisivo está em emitir um juízo critico e qualificado sobre as coisas, inclusivo no que diz respeito ao uso público e privado da razão. Logo o filósofo inicia afirmando:

Esclarecimento é à saída do homem de sua menoridade, pelo qual ele é o próprio responsável. Menoridade é incapacidade de servir-se de seu próprio entendimento sem orientações de outrem. É a si próprio que se deve atribuir essa menoridade, uma vez que não resulta da falta de entendimento, mas da falta de resolução e de coragem necessárias para utilizar de seu entendimento sem a tutela do outro.

Por essa definição acima, é evidente que não é de qualquer menoridade que se trata no Esclarecimento, mas sim apenas daquela pela qual o ser humano pode ser responsabilizado. A menoridade, em geral, é a incapacidade de um ser humano fazer uso do próprio entendimento (intelecto) sem estar subordinado ou sem estar na dependência de outro ser humano. Em alguns casos, essa incapacidade resulta da falta de entendimento; por exemplo, no caso de crianças, cujas habilidades cognitivas ainda não atingiram certo grau mínimo de desenvolvimento. Em outros casos, porém, a incapacidade de se servir do próprio entendimento (intelecto) não se deve a uma

limitação natural das habilidades cognitivas, mas sim à falta de resolução e de coragem para fazer uso do entendimento (intelecto) de maneira autônoma/livre, isto é, sem depender do que é ditado por outro ser humano. No primeiro sentido, o ser humano não pode ser responsabilizado pela menoridade, pois ela é decorrente de uma limitação natural. Já no segundo sentido, o ser humano pode ser responsabilizado, pois a menoridade não é resultado de uma limitação natural do entendimento, mas sim de uma decisão do ser humano: sua falta de resolução ou de coragem. Nesse segundo sentido, o ser humano dispõe de condições para sair do estado de menoridade; por isso mesmo, pode ser responsabilizado, caso ele venha a se perpetuar. É a essa segunda espécie de menoridade que se refere o Esclarecimento. O Esclarecimento é o processo pelo o qual o ser humano abandona o estado de dependência que é típico da segunda espécie de menoridade, um estado de dependência pelo qual ele é responsável. Não como falta de entendimento, e sim como falta de resolução e coragem para seguir suas próprias ideias sem a tutela dos outros.

O filósofo define menoridade como a incapacidade de um ser humano em fazer uso de seu entendimento por conta própria. Quando o ser humano é responsável por essa condição, ela caracteriza-se pelo servilismo que resulta da atitude do indivíduo, mais precisamente, de sua preguiça e covardia. Nesse sentido: *“Causas como a preguiça e a covardia fazem com que grande parte dos homens, libertos há muito pela natureza de toda tutela alheia (naturaliter\ majorennnes),comprazem-se em permanecer por toda sua vida menores e é por isso que é tão fácil a outros instituírem-se seus tutores. É tão cômodo ser menor. Se possuo um livro que possui entendimento por mim, um diretor espiritual que possui consciência em meu lugar, um médico que dedica acerca do meu regime, etc., não precisa eu me esforçar-me, não sou obrigado a refletir-me, se é suficiente pagar; os outros se encarregarão por mim da aborrecida tarefa. (KANT,p.2 1783).* Segundo o autor, a menoridade que se trata do Esclarecimento pela qual o ser humano é responsável é resultado da preguiça mental e da covardia pessoal, isto é; do estado daquele indivíduo que consegue satisfazer-se em receber tudo pronto , ter prazer em não pensar por si só , não ter autonomia por seus atos, ter preguiça de refletir. Ele não quer ser maior (no sentido de realizar o emprego livre e autônomo de suas próprias capacidades intelectuais), não quer buscar soluções para seus problemas e fazer uso do entendimento para avaliar a situação. O indivíduo, ao invés de proceder

uma investigação por si mesmo dos conceitos de que dispõe para interpretar o mundo , reproduz fórmulas prontas, emprestadas de seus tutores. Mas qual seria a saída, segundo o filósofo, para sair desse estado? Tomar decisão de sair pode ser condição necessária, mas não é suficiente. É preciso, além de decisão, realmente fazer algo para sair daquele estado de menoridade. O ser humano pode e deve ser motivado, mas ninguém deve decidir por ele. O homem, como sujeito apto à razão e à liberdade, deve empreender, ele mesmo, o caminho para a maioridade. É o que informa a frase de Immanuel Kant; *“Sapere Aude ! Ousai saber, isto é, tem a audácia de pensar e agir livremente e servir - te de teu próprio entendimento!”*. O que significa levar o indivíduo a exercer do seu próprio pensamento, isto é saber posicionar-se, ser crítico, buscar com autonomia. Portanto o esclarecimento torna-se um projeto de fazer uso da liberdade e autonomia no pensar, acreditando no poder da razão, compreendida enquanto coragem de pensar por conta própria.

Segundo o autor (Kant 1783), *“(...) difícil para todo homem tomado individualmente livrar-se dessa menoridade que se tornou uma espécie de segunda natureza.”* Em certa fase de sua vida, o ser humano encontra-se naturalmente menor e não responde por seus atos. A menoridade pela qual ele é responsável, no entanto, constitui algo como uma segunda natureza. É um hábito que, de tão arraigado, parece mesmo constituir parte da essência humana. Por ser um mau hábito, pode ser considerado um vício. O próprio homem não quer ser maior, pois ele não tem o hábito de exercitar o seu intelecto por conta própria e, assim, permanecer na maioridade. Desse modo, o ser humano torna-se inapto ao esclarecimento. Os mesmos que antes haviam sido submetidos pelos seus tutores, agora, por terem adquirido um hábito arraigado como uma segunda natureza serão os primeiros a resistir a qualquer projeto de esclarecimento, pois não querem atingir a maioridade.

Para o filósofo, não é pela revolução que acontece o esclarecimento. A revolução é capaz de conduzir à destituição de um tirano (ou de qualquer governante que limite a liberdade de expressão dos governados). A revolução não é suficiente para levar as pessoas ao uso livre e independente da razão, pois isso exigiria “uma verdadeira reforma na maneira de pensar”. Kant parece entender que, se a reforma deve ocorrer na maneira de pensar, isto é, no uso da razão, então o único meio eficaz

de realizar essa reforma é através de uma mudança no modo de emprego da razão e não pelo uso da força (violência).

Em Kant, a obediência às normas é necessária para o esclarecimento. Isso porque o esclarecimento é uma transformação no modo de pensar (raciocinar) e não uma transformação nas relações de força. A desobediência às normas é, no máximo, uma transformação nas relações de força. Assim, não é a desobediência o que leva as pessoas a pensarem por conta própria, sem estarem submetidas à tutela de outros. A desobediência não leva, portanto, ao esclarecimento. Além disso, Kant dá a entender que a desobediência atrapalha o esclarecimento. A desobediência leva à desorganização da sociedade, o que é um entrave para o exercício de comparar e analisar.

O Esclarecimento, para o filósofo, acontece através da coragem de pensar por si mesmo (*Sapere Aude*), depende do emprego público da razão (*öffentlicher Gebrauch der Vernunft*) em todas as questões. Ao dirigir-se a um público letrado, isto é por meio de seus escritos, enquanto especialista (erudito), o que para o filósofo seria o uso público da razão, pelo qual faz o uso livre de suas capacidades racionais. No uso público da razão, o homem tem que ser livre, e pensar de forma autônoma. Tal uso nada mais é do que o emprego da razão realizado por um indivíduo esclarecido que possa olhar para a humanidade indo muito além de seus interesses particulares. Por “uso público da razão” Kant, entende aquele uso que um homem (ou mulher), enquanto sábio, faz diante do grande público, expondo publicamente seus pensamentos de maneira livre por escritos sobre quaisquer questões de que tenha conhecimento, emitindo juízo crítico e qualificado.

O uso público é contrastado por Kant ao *uso privado da razão*. Este é um uso que alguém exerce no âmbito de seu ofício ou função que lhe foi atribuída. Trata-se de um uso limitado, pois consiste no uso da razão que é feito por um indivíduo que obedece a leis. O uso privado da razão é aquele que cabe a um indivíduo no exercício de um cargo público ou função que ao indivíduo é confiada. É essencial que no uso privado não ocorra desobediência, ou seja, que o indivíduo, no momento de execução de suas tarefas, não se oponha publicamente contra ordens superiores. Contudo, o que o padre ensina quando esta à frente de uma comunidade é algo que “ele não pode

ensinar como quiser, mas é obrigado a expor segundo uma regra e em nome de um outro”. Em outras palavras, enquanto desempenha sua função de padre, ele deve obedecer as regras que são próprias de seu ofício. O padre, enquanto padre, não dispõe de liberdade total, pois executa uma missão alheia a sua pessoa. *“Ele dirá: a nossa igreja ensina isto ou aquilo; eis as provas das quais ela serve. Ele extrairá em seguida todas as vantagens práticas, para a sua paróquia, dos preceitos os quais, por sua parte, ele não subscreve com convicção total, mas o que ele expõe de modo sólido, pois não é impossível que haja neles verdade oculta, e em todo caso, nada há ali que contradiga a religião interior. Pois se ele julgasse encontrar contradição, não poderia em consciência exercer sua função; deveria demitir-se.”*

O filósofo faz referência ao sacerdote devido ao fato que, no uso privado de sua razão comunicará aos fiéis de sua igreja o que constitui a crença própria de sua religião. Além disso, apresentará da maneira mais concreta possível, os valores práticos que aquela crença pode trazer para a vida de seus fiéis. Isso ele fará, mesmo que não concorde inteiramente com as regras de ação ou conduta (preceitos) que constituem sua religião. Kant ainda comenta que, mesmo ensinando aquilo com o que ele não está de inteiro acordo, o padre não estaria ferindo sua consciência. Em primeiro lugar, porque ele não estará impedido de fazer, em outro momento, enquanto não exerce a função de padre, o uso público de sua razão, para se pronunciar sobre as crenças e preceitos que constituem sua religião. Em segundo lugar, porque pode ser que as normas que constituem sua igreja contenham alguma verdade oculta, isto é, que ele não foi capaz de compreender. No entanto, se alguma norma da religião a que serve o padre entrar em contradição com a crença interior do mesmo, então ele não terá como ensinar aquela doutrina e terá de demitir-se.

Outro exemplo que Kant fornece da relação entre uso público e privado da razão diz respeito ao pagamento de impostos pelos cidadãos. “O cidadão não pode recusar-se a pagar os impostos que lhe são exigidos; a crítica insolente de tais impostos no momento em que ele tem a obrigação de pagá-los até ser punida como um escândalo (...). Mas não está em contradição com seu dever de cidadão se, enquanto erudito, ele manifesta publicamente sua oposição a tais imposições inoportunas ou mesmo injustas”. Ele não deve expressar-se publicamente no momento em que uma regra é

aplicada, em particular, se essa regra é o pagamento de impostos a que estão obrigados os cidadãos. O que pode acontecer é que um cidadão se expresse publicamente e por escrito contra o pagamento de tais impostos, desde que isso não ocorra no momento de pagá-los, pois isso poderá gerar desordem pública.

Na sequência do texto, Kant trata da questão sobre a legitimidade de um contrato pelo qual se pretenderia estabelecer a imutabilidade de normas ou leis. A questão é apresentada como um problema relativo às normas ou preceitos religiosos, mas pode ser estendida para outras esferas da atividade humana. Trata-se de saber qual seria válido decidir, por alguma espécie de contrato, que as regras que regulam um determinado domínio da atividade humana não poderão ser alteradas no futuro. O fato de se pretender chegar a essa decisão através de um contrato parece conferir certa legitimidade ao processo. Mas, segundo Kant, essa é uma mera aparência: *“uma época não pode aliar-se e conspirar para tornar a seguinte incapaz de estender seus conhecimentos, de libertar-se de seus erros e finalmente fazer progredir o Esclarecimento. Seria um crime para a humanidade, cuja vocação original reside nesse progresso; e os descendentes terão pleno direito de rejeitar essas decisões tomadas de maneira ilegítima e criminosa”*. Nesse sentido uma época não pode, em hipótese alguma, fazer um contrato por seus descendentes. Cada época tem o direito de estabelecer seus próprios preceitos e leis. Pode acontecer que uma lei vigente qualquer não seja mais adequada a determinado momento, embora sua aplicação tenha sido positiva em um período anterior. Nesse caso, faz-se necessário seguir tal lei, mas deve ser permitido o uso público da razão, pelo qual possa expressar livremente contra a lei em questão, até que encontre algo melhor.

É por isso que Kant afirma que os padres não tem o direito de comprometer-se por juramento sobre um símbolo imutável. Algumas regras de conduta se forem determinadas por Deus, possuem caráter perene e imutável. Mas seres humanos, mesmo quando especializados em assuntos religiosos, como os eclesiásticos, possuem um acesso indireto e limitado aos desígnios divinos. Assim, a simbologia que constitui uma determinada religião não pode ser compreendida como imutável. As regras de conduta que constituem uma religião estão sujeitas a alteração.

Um ser humano pode até desistir temporariamente de se esclarecer. O que não lhe é permitido é aceitar um conjunto de regras que não possam ser criticadas por ninguém. “Um homem pode (...) por algum tempo retardar o esclarecimento em relação ao que ele tem obrigação de saber, mas renunciar a ele seja em caráter pessoal, seja ainda mais para a posteridade, significa lesar os direitos sagrados da humanidade”. O direito sagrado de que trata o autor aqui é a liberdade de fazer uso de sua razão para expressar-se publicamente sobre as normas que regem a sociedade.

Sobre o poder dos monarcas, Kant opõe-se diretamente ao despotismo eclesiástico, isto é, à intervenção dos reis em assuntos religiosos. Kant faz distinção entre a organização da sociedade dos homens e as coisas pertinentes à salvação da alma. O que diz respeito à vida pós-morte e vai além da ordem regulada dos homens não compete ao rei decidir. O rei não está autorizado a decidir qual vai ser a religião de cada um. Portanto, a organização da sociedade deve acontecer independente das crenças religiosas e, ao mesmo tempo, não é permitido ao rei impor a religião a se seguir.

Em compensação, o governante deve, com todas as suas forças, cuidar para que não ocorra violência contra a religião dos seus súditos. Em outras palavras, o governante deve garantir a liberdade de credo. Não se pode impedir, em nome da ordem civil, que os súditos decidam sobre o que compete à salvação de sua alma e que eles empreguem suas forças com esse objetivo. Esse é o conteúdo que Kant extrai da máxima *‘César não está acima dos gramáticos’*. Em outras palavras, não compete ao rei decidir sobre coisas que estão para além do seu poder, por exemplo, sobre as regras gramaticais de uma linguagem, sobre a verdade de enunciados matemáticos, ou sobre o que é melhor para a salvação da alma de uma pessoa. Obviamente, a liberdade de credo é garantida apenas enquanto determinada religião não interfira no bem comum de uma sociedade. A religião não pode interferir na ordem civil. Assim como não se pode interferir em assuntos religiosos em nome da organização da sociedade, não se pode permitir que a religião interferisse. Tal oposição diz respeito na interferência que os reis exerciam, sobre aqueles estados e a religião de seus súditos. Esses poderes absolutos dos reis foram resultado de uma aliança entre os reis e a nova classe que emergia na época, que seriam os comerciantes burgueses. A aliança entre

burguesia e os reis, possibilitou a limitação do poder dos senhores feudais e, especialmente, da igreja. Com isso, o rei passou a ter um poder maior para interferir na cobrança dos impostos, garantindo, maior poder político e econômico aos burgueses. Nesse processo o rei passou não apenas a definir mais diretamente a organização da sociedade, como também a interferir na religião dos Estados. Isso porque o papel que a religião exercia na sociedade feudal e do mesmo modo, em quase toda a Idade Moderna, extrapolava os assuntos transcendentais, interferindo na ordem secular.

Assim, a resposta à pergunta: “Vivemos em época esclarecida?”, segundo o autor, é negativa. O esclarecimento é um processo da saída da menoridade. Segundo Kant, no momento histórico em que ele escreve, esse processo não se encontrava concluído, mas sim no seu início, na situação prévia da busca pela maioridade.. Deste modo, uma época esclarecida seria aquela em que os seres humanos não mais exerceriam o uso da razão sob a tutela de outros. Segundo o autor, a sua época é de esclarecimento, e não uma época esclarecida. De fato, as pessoas começam a decidir por conta própria, até mesmo na escolha da religião a ser seguida. À medida que o esforço por tornar-se esclarecido for maior que a preguiça e covardia – responsável pelo estado de menoridade – haverá algum sinal de que o campo foi aberto para a evolução do uso da razão como atividade autônoma de reflexão sobre os problemas de determinada época.

Um príncipe que dá liberdade às pessoas para pensarem por conta própria, expondo publicamente seus pensamentos sobre quaisquer questões, o que é essencial para o esclarecimento, tem que ser louvado até a posteridade. Um rei que pensa dessa forma é um rei esclarecido e será digno de louvor. Ele será o primeiro a libertar-se e a servir-se de sua própria razão, ao permitir a liberdade para que as pessoas esclareçam-se , não apenas no campo religioso, mas também na arte, ciência e até mesmo nas leis.

Esse espírito de liberdade de pensamento livre e crítico - atua progressivamente sobre o modo de agir do povo, inclusive para além das fronteiras de determinado Estado. Um Estado esclarecido ou em processo de esclarecimento serve de exemplo a outros povos ou Estados cujos governos impõem obstáculos ao desenvolvimento da liberdade. Um governo que falha em compreender seu verdadeiro objetivo é aquele que estabelece obstáculos externos ao desenvolvimento da liberdade.

A autonomia de pensamento e liberdade de expressão sobre assuntos de natureza religiosa constituem o foco principal do autor. O processo de emancipação que caracteriza o esclarecimento é exemplificado principalmente pela conquista da independência dos cidadãos em relação à tutela exercida por governantes e eclesiásticos sobre temas religiosos. Kant apresenta duas razões para esse destaque. Em primeiro lugar, porque a religião contém preceitos de ordem prática, sendo que é mais comum haver tutela sobre questões de natureza prática (ética e política) do que sobre questões de natureza teórica: “*em relação às ciências e às artes, nossos soberanos não se interessaram em desempenhar o papel de tutores de seus súditos*”. Em segundo lugar, afirma Kant, porque “a menoridade à qual me referi, além de ser a mais nociva, é também a mais desonrosa”. Mas a religião compreende preceitos de ordem prática. No entanto, embora a ênfase de Kant seja sobre o tema da religião, isso não significa que a ideia de esclarecimento não se estenda à libertação de toda espécie de tutela por parte de seres humanos adultos. O autor afirma claramente que um chefe de Estado esclarecido é aquele que autoriza seus cidadãos a fazerem uso de sua própria razão mesmo quando diz respeito as leis que regem aquele Estado.

Um chefe de Estado que favorece o esclarecimento de uma determinada sociedade torna-se esclarecido ao permitir seus súditos falarem inclusive sobre as leis. É próprio de um governante esclarecido que ele conceda liberdade às pessoas para raciocinarem o quanto quiserem. No último parágrafo do texto, Kant mais uma vez observa que essa liberdade concedida pelo governante não significa a ausência de leis e obediência por parte dos súditos. Ao governante, cabe afirmar: “reflete o quanto puder, mas obedeça”. Em uma sociedade regida por leis, ser livre não significa fazer tudo o que poderíamos desejar. Para obter a liberdade necessária ao esclarecimento, duas condições são necessárias. A primeira é não haver censura para se pensar por conta própria. A segunda condição é a obediência às leis, para que haja a tranquilidade civil. Para tanto, Kant defende que um rei deverá ter sob seu comando um exército numeroso e bem disciplinado, que garanta a tranquilidade pública. Quando o rei garante a segurança e tranquilidade de um Estado, cada vez mais capaz haverá liberdade para que os cidadãos exponham publicamente suas ideias ao mundo. Desse modo, a inclinação à liberdade, que, segundo o autor, é o que há de mais precioso na natureza humana, age sobre a sensibilidade do povo.

Conforme o mesmo texto, a liberdade de usar publicamente a razão dependeria da existência de um governante como Frederico II (1726- 1786), déspota esclarecido da Prússia. Segundo Kant, Frederico II reuniria todas as características favoráveis ao esclarecimento: um déspota que garantia a liberdade religiosa e a reflexão pública sobre os assuntos do Estado, ao mesmo que garantia a tranquilidade pública por meio da obediência de seus súditos às leis.. Para Kant, um governante só tem a ganhar, quando permite que seus atos sejam alvo de crítica de seus súditos, isto é, quando usam a razão para pensar livremente, pois é o pensamento livre que atua sobre o progresso de uma sociedade. De modo que, a educação, a cultura, a informação o conhecimento possam ser acessíveis a todos e não a uma pequena parcela de pessoas.

2.1. ATIVIDADES PRÁTICAS NO CONTEXTO DO ESCLARECIMENTO

O ensino de filosofia tem como meta a abordagem problemática que consiste em procurar explicitar problemas a serem trabalhados para que possamos buscar novos conceitos e até mesmo sentido para tal situação, neste caso temos como foco principal o texto trabalhado “Resposta pergunta: O que é Esclarecimento” .

O esclarecimento faz parte do desenvolvimento do ser humano e o mais precioso deste processo é o pensar por conta própria, fazendo-se uso de sua liberdade e agindo com consciência. É o que retratamos em seguida em uma proposta de aplicação do trabalho em sala de aula desenvolvido para realizar junto com os alunos do ensino médio.

1ª AULA

A leitura dos textos filosóficos pressupõe a retomada do pensamento vivo de um filósofo, mesmo que ele pertença a épocas muito distantes. A leitura filosófica significativa investiga os pressupostos do texto, exercita a capacidade de problematização, o que sugere a apropriação do texto de maneira metódica. A partir da leitura realizada do texto filosófico do autor Immanuel Kant “Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento?”, os alunos deverão fazer resumo e em duplas apresentar quais tópicos mais chamaram sua atenção. O professor irá fazer explanação oral sobre o referido filósofo pontuando sobre o contexto histórico que foi escrito e expor as origens do motivo que foi escrito o referido ensaio estudado. Em seguida será realizada perguntas que mais chamaram atenção na leitura com cada um fazendo suas colocações. Apresentarão um resumo em grupo do texto.

2ª AULA

Faremos a leitura do texto de Immanuel Kant em seguida pontuamos vários conceitos apresentados no texto, tais como autonomia, liberdade, uso público e privado da razão, esclarecimento . Depois de definidos os temas realizaremos debates procurando trazer conceitos para os temas apresentados.

3ª AULA.

Depois de esclarecido cada conceito, iremos escolher um tema, solicitando exemplos e argumentos para justificar as opiniões apresentadas sempre direcionando

para a característica principal do texto lido que é o uso público e privado da razão. Logo que percebemos que o aluno compreendeu, eles poderão escolher situações corriqueiras que acontecem na escola pontuando suas opiniões a favor ou contra de alguma norma colocada pela instituição. E neste texto redigido pelo os alunos deverão convencer o leitor de que sua opinião.

4ª AULA

Depois que a professora corrigir os textos apresentados pelos alunos, será realizado uma seleção dos temas discutidos e cada aluno fará uma exposição para turma. Será escolhido alguns temas que julgarmos mais importantes. Também escolherão três ou quatro colegas para expor o tema publicamente em algum lugar escolhido pela turma, onde serão convidados professores, o diretor da escola, pais, irmãos, filósofos...

Concluo este trabalho acreditando que o pensamento do filósofo estudado Immanuel Kant é de grande relevância para com os indivíduos de nossa sociedade quando afirma que vivendo uma época de esclarecimento , ainda que existam indivíduos subjugados pela falta de reflexão , é preciso que professores e estudantes de filosofia possam buscar condições e permitirem a criar e recriar conceitos como afirma grandes importantes filósofos: DELEUZE;GUATARI, (1992:p.41).[..} “criar conceitos para problemas que mudam necessariamente”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Immanuel Kant cita em seu periódico “ Sapere Aude” (Ouse Saber) logo somos convidados a não nos acomodar , a sair em busca do conhecimento. Somente através de nossa ousadia é que podemos sair de nossa condição de minoridade, o que implica a coragem de fazer uso de teu próprio entendimento. Ao tornarmos educadores e temos como meta formarmos novas gerações, do ponto de vista Kantiano, tal condição não ocorre isoladamente, mas pela condução de outro, ou seja, o qual possui a arte de educar e deixar-se educar.

Contudo o educador deve proceder de tal modo que o educando possa buscar por si mesmo sua maioridade, uma vez que ele aprende melhor aquilo que ele mesmo busca compreender usando de sua razão. O educador pode então assumir o papel de guia e governante, devendo provocar nas novas gerações a passagem do que podem vir a ser e conquistar a autonomia. Isto é, ter a coragem de ser independente e abrir mão da facilidade das decisões muitas vezes estendida por outro e assim passando a tarefa para si mesmo de se autodeterminar.

No contexto em que em que elaboramos em nosso trabalho no capítulo terceiro Kant aponta condições de minoridade e maioridade, discorre para o uso público da razão como característica principal para junto do ser humano que utiliza de seu próprio entendimento e assim atingindo a saída do estado de minoridade. Com tais condições é quando acontece a abertura para o individuo esclarecer –se.

Outro ponto crucial em destaque em seu ensaio é que o ser humano por preguiça e covardia seria a causa responsável pela facilidade dos indivíduos serem manipulados por outras pessoas. O filósofo pontua tais causas como: “*É cômodo ser menor*”. Dessa maneira muitas situações podem proporcionar para que o individuo possa aceitar tal condição- minoridade- como que natural., como um livro que age com autonomia sobre o pensamento do individuo ou aquele que esta a frente de uma instituição religiosa que age com a consciência do ser humano, logo alguns exemplos de como o individuo permanece na condição de minoridade e não pensa por si mesmo , ficando na condição de não fazer uso de seu entendimento.

Nesse sentido esclarecer –se é aquele que superando aquela condição frágil, preguiçosa e covarde, já decidiu pensar por si mesmo e, com base em tal decisão, busca orientar – se por opiniões próprias, baseando – se em pensamentos cuidadosamente examinados e bem intencionados, posiciona-se sobre os assuntos de seus interesses.

Porém quando conquistamos a autonomia e percebemos a transformação em nossas vidas e reunimos condições para resolvermos questões existências em nosso dia a dia, pela qual definem relações políticas e econômicas de poder que afetam nossas vidas. Ele pode e deve ser ajudado (motivado), mas ninguém poderá decidir por ele.

Enfim o esclarecimento é a transformação do modo de pensar, o homem apto à razão e a liberdade deve ele mesmo empreender para o caminho do conhecimento. Portanto percebemos que o ensino de filosofia para com os alunos do ensino médio apresenta-se como local da indagação e da criatividade levando-os a investigar , ser curioso , buscar respostas para as questões e identificar problemas levantados em nossa vidas cotidianas. O conhecimento filosófico é um produto da atitude filosófica desenvolvida no processo do filosofar que produzem conhecimento filosófico.

O ensino de filosofia esta presente nos escritos do filósofo Immanuel Kant numa perspectiva que oferece aos estudantes a oportunidade de aprender, para que o façam com suas próprias forças, isto é, que aprendam a pensar. KANT, (1999:27).

Quando consideramos que o aprender pensar³ⁱ é específico da filosofia movida pela aprendizagem do pensamento com questões problematizadoras que estão presentes em nossas realidades e buscarmos meios para resolve- lá. Este propósito está presente em um dos clássicos do filósofo que exercita a razão e a autonomia e levar se possível todos os indivíduos a tornar esclarecidos, mas que as pessoas sejam capazes , é o que diz: KANT (1783:3) [...] Esse esclarecimento não exige todavia nada

³ Pensar, na significação etimológica do termo, quer dizer sopesar, por na balança para avaliar o peso de alguma coisa. O pensamento, quando faz filosofia , usa ao máximo seus recursos para avaliar: quer tornar-se “avaliador justo . Por esta razão o pensamento se submete ´aprendizagem de pensar. Nesta., ele busca captar a cor, o som e o sabor da realidade: procura tornar-se conhecimento e linguagem. BUZZI (1973:54)

mais que a liberdade ; e mesmo a mais inofensiva de todas as liberdades, isto é, a de fazer uso publico de sua razão , em todos os domínios.”

Conforme estamos tratando percebemos que a condição do esclarecimento é o individuo conseguir com seu próprio pensamento a independência intelectual. O que finaliza, ao sair da menoridade que é a incapacidade intelectual em que o individuo não consegue usar seu entendimento sem o auxilio de outra pessoa , mas quando o individuo alcança a maioridade amadurecendo intelectualmente e conseguindo aumentar a capacidade de acumular informação e absorver todo o conhecimento possível colocando – o a teoria em prática e desta forma sabendo o que faz e quando faz, tornando-os independentes em suas ações no decorrer de suas vidas.

Enfim, o educador deve contribuir para que a educação possa realizar a tarefa de contribuir para o melhoramento humano, na medida em que proporcione o desenvolvimento nos ideais do pensamento iluminista – século XVIII época das luzes – razão - promovendo o esclarecimento e condição para o aperfeiçoamento do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, J.J.A.;PILETTI. N. **Toda a História. História Geral e História do Brasil.** 7ª ed. São Paulo- SP. Editora Ática, 1997.

BUZZI. A. **Introdução a Pensar.** 2.ª Ed. Petrópolis. Vozes. 1973.

DALBOSCO, C. A. **Kant & a Educação** – Coleções Pensadores & Educação. Editora Autêntica - Belo Horizonte, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** . Rio de Janeiro: Graal, 2006.

CORNELLI, G.;CARVALHO.M. **Filosofia e Formação.** V.1 Cuiabá. MT: Central de Texto 2013.

HOUAISS, A. (org.). **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa S/C Ltda.** – 2ª ed. Revisada. Rio de Janeiro. Editora Objetiva,2004.

.FOCAULT,M. El gobierno de si y de los otros. Trad. De Horacio Pons. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica de Argentina, 2009.

KANT, I. **Sobre a Pedagogia.** Tradução de Francisco Cock Fontannela. 5ª ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2006.

LIMA,V.F. **Illuminismo . As Batalhas da Razão.** Revista de história Biblioteca Nacional,– SABIN. Rio de Janeiro, Ano 9 / nº 104/ maio 2014. p. 23-25.

_____. “Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento? (Aufklärung)”. In:_____. Textos Seletos. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 2005.

MARÇAL, J. (org.) - **Antologia de Textos Filosóficos** - Curitiba: SEED, 2009 – Pr. p.399 a 403.

RODRIGO, L. M. – **Filosofia em Sala de aula: teoria e prática para o ensino médio** - Campinas, SP Autores Associados, 2009.
